

ARTIGO

MEDO DO CRIME, SEXO E IDADE: *INSIGHTS* DA PESQUISA DE VITIMIZAÇÃO DO DF¹

CLÁUDIO V. TORRES

Ph.D. em Psicologia Transcultural pela Universidade da Califórnia, San Diego (EUA - 1999). Professor do Departamento de Processos Psicológicos Básicos da Universidade de Brasília, onde ministra disciplinas e desenvolve pesquisas na área de Psicologia Transcultural com foco na Teoria de Valores Humanos e Psicologia Policial.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: claudio.v.torres@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-3727-7391>

LAURA NOVAES ANDRADE

Ph.D. em Psicologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e professora do curso de Psicologia do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), onde coordena pesquisas que desenvolvem intervenções psicossociais, visando fortalecer as capacidades institucionais e comunitárias brasileiras.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: lauranovaesa@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1876-3650>

FRANCISCO GUILHERME L. MACEDO

Mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB). Tenente-Coronel da Polícia Militar do Distrito Federal e Professor do Instituto Superior de Ciências Policiais (ISCP), com pesquisas em cultura organizacional, tomada de decisão, segurança pública e medo do crime.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: guilhermelima03@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5785-3026>

KAMILLA L. A. M. L. NASCIMENTO

Doutora em Ciências Genômicas e Biotecnologia e pesquisadora vinculada à Universidade de Brasília (UnB). Desenvolve pesquisas no campo das Ciências do Comportamento, com foco em valores humanos, saúde mental e comportamento alimentar.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: hennykamilla@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-9946-1119>

THIAGO G. L. A. M. NASCIMENTO

Doutor em Ciências de Gestão pela Aix-Marseille Université (França) e em Administração pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e pesquisador na UnB, no IDP e no ISCP. Tenente-Coronel da Polícia Militar do Distrito Federal e Chefe da Assessoria de Gestão e Governança da Casa Militar do DF.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: tgn.1980@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2432-3117>

¹ O estudo foi financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - Edital FAPDF nº10/2023 – TOA 576/2023; e pelo projeto de pós-doutoramento do primeiro autor apoiado pelo Edital FAPDF nº05/2025 e Edital DGP/UnB nº003/2026 – processo 23106.029976/2026-29.

EDNA A. B. TÔRES

Mestre em Governança e Inovação em Políticas Públicas (2025) pela Universidade de Brasília (UnB). Servidora Técnico-Administrativa da UnB desde 1994 e pesquisadora do Cepats/IP/UnB e do Laboratório de Psicologia Transcultural (LPT/UnB).

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: alci@unb.br **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0008-0845-2550>

Contribuições dos autores: Cláudio V. Torres e Laura N. Andrade atuaram ativamente na concepção, delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados, e na redação completa do manuscrito. Francisco Guilherme L. Macedo atuou ativamente na obtenção e autorização para utilização dos dados, e contribuiu na revisão crítica do manuscrito final. Henny Kamilla R. de Lima contribuiu no tratamento dos dados, interpretação dos resultados e na revisão crítica do manuscrito final. Thiago G. Nascimento e Edna A. B. Tôres contribuíram na interpretação dos dados e revisão crítica do manuscrito final.

Financiamento: O estudo foi financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - Edital FAPDF nº10/2023 – processo 576/2023; e pelo projeto de pós-doutoramento do primeiro autor apoiado pelo Edital FAPDF nº05/2025 e Edital DGP/UnB nº003/2026 – processo 23106.029976/2026-29.

Considerações éticas e autorizações: Os dados analisados foram obtidos com autorização da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal, conforme Termo de Anuência SEI nº 00050-00033860/2020-03. Todos os procedimentos do estudo foram realizados de acordo com os padrões éticos do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – Brasil, e com a Declaração de Helsinque de 1964 e suas alterações posteriores ou padrões éticos comparáveis. O consentimento informado dos respondentes foi o seguido pela Pesquisa de Vitimização do Distrito Federal; os autores não têm acesso à declaração de consentimento por se tratar de dados secundários.

RESUMO

O estudo investiga como as características demográficas de sexo e idade influenciam o medo do crime no Distrito Federal. Utilizando dados da Pesquisa Distrital de Vitimização (2015/2018), foram analisados 28.608 respondentes com modelos lineares mistos generalizados. Medo do crime se revelou maior entre mulheres do que em homens, aumentando moderadamente com a idade. Contudo, a relação entre faixa etária e medo do crime apresentou efeitos pouco expressivos. Flutuações anuais no medo do crime sugerem influência de fatores contextuais, como instabilidade social e cobertura midiática. Apesar de baixos índices de correlação com crimes violentos, mulheres demonstraram maior vulnerabilidade percebida, influenciada por contextos sociais e culturais, como o efeito da “sombra da agressão sexual”. O estudo evidencia a necessidade de abordagens intersetoriais para mitigar o medo do crime, considerando dinâmicas sociais, emocionais e políticas públicas que promovam segurança objetiva e percebida.

Palavras-chave: Medo do crime. Vitimização. Percepção de segurança. Correlatos demográficos. Influência midiática.

FEAR OF CRIME, GENDER, AND AGE: INSIGHTS FROM THE DF VICTIMIZATION SURVEY

ABSTRACT

The study examines how demographic characteristics such as gender and age influence fear of crime in the Federal District. Using data from the District Victimization Survey (2015–2018), 28,608 respondents

were analyzed through generalized linear mixed models. Fear of crime was found to be higher among women than men, with a moderate increase with age. However, the relationship between age groups and fear of crime showed only marginal effects. Annual fluctuations in fear of crime suggest the influence of contextual factors, such as social instability and media coverage. Despite low correlation rates with violent crime, women demonstrated greater perceived vulnerability, shaped by social and cultural contexts, such as the “shadow of sexual assault” effect. The study highlights the need for intersectoral approaches to mitigate fear of crime, addressing social dynamics, emotional factors, and public policies that promote both objective and perceived security.

Keywords: Fear of crime. Victimization. Perception of security. Demographic correlates. Media influence.

Data de recebimento: 16/12/2024 **Data de aprovação:** 06/01/2026

DOI: 10.31060/rbsp.2027.v21.n1.2335

INTRODUÇÃO

O medo do crime tem ganhado cada vez mais relevância nas pesquisas em ciências sociais, como nas áreas da Psicologia e da Sociologia, sendo um fenômeno de grande importância para disciplinas como a Criminologia e a Vitimologia (Ferraro, 1995), além de ser fundamental na tomada de decisões em intervenções sobre criminalidade no mundo (Brunton-Smith; Sturgis, 2011; Lee, 2007). Ao analisar a literatura científica, nota-se que o interesse internacional sobre o tema cresce desde os anos 1960, evidenciando a preocupação com os impactos negativos do medo do crime na qualidade de vida das comunidades e demandando políticas que foquem não apenas a redução da criminalidade, mas também o aumento na percepção de segurança dos cidadãos (Hale, 1996). A revisão de Hale (1996) dos primeiros 30 anos de produção sobre o tópico destaca os efeitos sociais do medo e analisa como fatores ambientais e sociais intensificam ou mitigam esse medo, especialmente entre grupos vulneráveis, como idosos e mulheres.

O presente estudo adota a definição de Hale (1996) do MDC que trata do *medo* de ser vítima de um crime, que não necessariamente reflete a probabilidade real de ser vitimizado. Com base nessa definição, o objetivo geral deste estudo é *investigar diferenças na percepção do medo do crime de acordo com características demográficas, como sexo e idade, e como cada uma delas atua sobre essa variável*. Se, conforme apontado na literatura revisada, há diferenças entre os conceitos de emoção e sentimento com relação às características demográficas como sexo e idade (Warrier *et al.*, 2018), o que resulta em diferenças sexuais e etárias (Löckenhoff; Costa Jr.; Lane, 2008; Schirmer, 2013) no processamento das emoções, então é preciso investigar até que ponto essas diferenças ocorrem no medo e como interagem entre si. Para alcançar tais objetivos, segue-se a literatura revista, assim como as hipóteses que foram formuladas com base nessa literatura e os demais aspectos do estudo, como desenho metodológico, resultados e discussão.

REVISÃO DE LITERATURA

Desde a definição de Hale (1996) para MDC, o debate vem se intensificando entre criminologistas, vitimologistas, políticos, organizações policiais, meios de comunicação e o público em geral. Dentre outras preocupações, o conhecimento sobre medo do crime e seus antecedentes possibilita a alocação de recursos e a utilização de ferramentas adequadas referentes à prevenção e à solução de crimes (Hale, 1996). Ainda que essas sejam preocupações de diversos países, a maioria das pesquisas (p. ex., Hodgkinson; Lunney,

2021) se concentra em países conhecidos, como em *Weird: Western, Educated, Industrialized, Rich e Democratic* (Henrich; Heine; Norenzayan, 2010) – a palavra inglesa *weird*, que se traduz como “esquisito”, no caso ganha significado pelo acrônimo *Western, Educated, Industrialized, Rich e Democratic*, traduzido como Ocidentais, Educados, Industrializados, Ricos e Democráticos) – com louváveis exceções no contexto nacional (p. ex., Costa; Durante, 2019a).

Com o avanço dos estudos, diversas foram as explicações apresentadas para a compreensão do medo do crime. Uma das abordagens mais conhecidas enfoca as características ambientais do local em que o fenômeno se manifesta, considerando elementos como desordem física e social na comunidade (Skogan, 1990). Nesse sentido, variáveis como casas e carros abandonados, lixo acumulado e patrimônio depredado, bem como a presença de indivíduos alcoolizados, pessoas em situação de rua, gangues e pontos de prostituição são vistas como fatores que intensificam o medo do crime (Lagrange; Ferraro; Supancic, 1992).

Paralelamente, há pesquisadores que explicam o medo do crime a partir do entendimento da vitimização, sugerindo que experiências diretas ou indiretas de violência influenciam significativamente essa percepção (Garofalo, 1977). Nesse modelo, tanto vítimas diretas quanto pessoas que tomaram conhecimento de crimes envolvendo terceiros tendem a apresentar níveis mais elevados de medo. Na atualidade, essa perspectiva foi ampliada ao se considerar o papel da mídia, que frequentemente enfatiza casos de criminalidade e violência, criando uma sensação de insegurança mesmo entre aqueles sem contato direto com o crime.

Estudos recentes indicam que a exposição a notícias de crimes pode exacerbar o medo e distorcer a percepção de risco, fazendo com que ele ultrapasse os níveis de vitimização real e se transforme em uma insegurança coletiva alimentada pela mídia (Roman, 2023; Costa; Durante, 2019b). Esses resultados sugerem que, além das experiências pessoais, o consumo de conteúdo midiático desempenha um papel fundamental na formação e intensificação do medo do crime, contribuindo para uma sensação de insegurança coletiva que ultrapassa as fronteiras da vitimização direta (Prieto-Curiel *et al.*, 2020).

Por fim, outro fator crucial é a percepção de vulnerabilidade, que acrescenta uma dimensão subjetiva ao entendimento do medo do crime. Esse modelo sugere que certas características demográficas – como idade e sexo – aumentam a sensação de vulnerabilidade, levando alguns indivíduos a se sentirem mais expostos ao risco (Lagrange; Ferraro, 1989; Rader; Cossman; Porter, 2012). Dessa forma, o medo do crime não é apenas uma resposta a eventos ou a informações sobre violência, mas também um reflexo das fragilidades percebidas e das desigualdades que certos grupos enfrentam.

Observando a confusão conceitual entre o medo do crime e outros termos/construtos teóricos, como vitimização, realidade do crime, crimes reais, percepções de risco, dentre outros, é essencial explorar as definições de medo do crime desenvolvidas ao longo dos anos. O termo Medo do Crime (MDC) parece ter sido cunhado em 1967 por uma comissão montada pelo governo federal dos EUA sobre a *Aplicação da Lei e Administração da Justiça*, que buscou reunir pela primeira vez inquéritos sobre vitimização e investigações sobre o que foi então chamado de Medo do Crime (President's Commission, 1967). A publicação iguala MDC a vitimização, construto que foi adotado pela literatura especializada a partir da década de 1970 com definições e sentidos diversos (Lee, 2007).

Do ponto de vista psicológico, a experiência de medo pode ser compreendida como uma emoção ou um sentimento vivenciado pelo indivíduo. Enquanto emoção, entende-se que se trata de uma reação imediata a um estímulo específico (Ekman, 1992), como o som abrupto de um tiro disparado, e que, portanto,

depende da relação com o mundo exterior para existir. As emoções desencadeiam respostas químicas e neurais (p. ex. sudorese, tremor) que surgem quando o cérebro recebe um estímulo ambiental sem preparação prévia. Já enquanto sentimento, o medo não se relaciona a um único estímulo, mas a uma construção mental que permeia as demais experiências da vida social. Como outros sentimentos, o medo está associado a um trabalho cognitivo (Buck, 1980) que pode envolver ativação da memória, dos valores sociais e individuais, do raciocínio, da imaginação etc. Os sentimentos são interpretações das emoções, sendo assim uma resposta a elas.

Com relação ao MDC, especificamente, Garofalo (1981) o definiu como uma reação emocional caracterizada por um *sentimento* de perigo de ser vítima de dano físico, sendo tal reação provocada no indivíduo por percepções do ambiente que se relacionam a algum aspecto relacionado ao crime para a pessoa. Outras definições incluem uma *preocupação* abrangente relacionada ao crime e baseada em experiências diretas ou indiretas de criminalidade (Skogan, 1989), *reações emocionais* às percepções de risco (Jackson; Gouseti, 2014), um *sentimento* de alarme ou pavor causado por uma consciência ou expectativa de perigo (Warr, 2000), ou ainda como uma *angústia* individual diante do fenômeno da criminalidade, expandida à comunidade e causando estado de insegurança (Dantas; Persin; Silva, 2007).

FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

Considerando os impactos da percepção de vulnerabilidade da experiência de medo do crime, espera-se que dados demográficos, como sexo e idade (Jackson, 2004), se revelem preditores eficientes de MDC. De acordo com Rader, Cossman e Porter (2012), a vulnerabilidade física e social é parte fundamental na interpretação do porquê certos grupos de pessoas temem mais o crime do que outros. Para os autores, essas vulnerabilidades são mais importantes na determinação do MDC em alguns grupos (p. ex., sexo, idade) do que em outros (p. ex., *status* socioeconômico). Outras perspectivas sugerem ainda que esses grupos têm maior risco de vitimização, enfatizando a experiência de vitimização (direta e indireta) no conceito de MDC (Lane *et al.*, 2014).

Já nos anos 1980, Lagrange e Ferraro (1989) notaram que boa parte da investigação no tema indicava que as mulheres e os idosos teriam mais MDC, o que já era amplamente divulgado nos meios de comunicação científicos e populares à época. Num esforço para esclarecer essa imagem, os autores examinaram as diferenças de idade e sexo no MDC e encontraram que mulheres relatavam índices de MDC significativamente maiores do que os homens, independentemente de como a variável foi medida, enquanto que indivíduos mais velhos relataram maior MDC quando a medida era a Pesquisa Nacional do Crime nos EUA (NCS), mas não quando outras medidas eram utilizadas, concluindo que a extensão de maior MDC entre pessoas idosas era sobrestimada devido a problemas de medição, o que sugeria a necessidade de estudos mais criteriosos sobre essas diferenças.

Em estudo recente na Costa Rica, Barrantes-Chaves (2024) investigou a relação entre MDC e o cercamento de residências no país; esse fenômeno ficou conhecido como *gating*. Alinhado ao disposto nas teorias de vulnerabilidade, a autora encontrou variações significativas relacionadas às informações demográficas dos participantes do estudo. Em relação à idade, com adolescentes e idosos apresentando índices mais elevados de MDC quando comparados aos demais participantes do estudo; em relação ao sexo, as mulheres relataram MDC mais elevado do que os homens e maior frequência de isolamento com *gating*.

No Brasil, os resultados têm convergido com a literatura internacional com relação ao sexo, com MDC sendo maior entre as mulheres em comparação com os homens; porém, quanto à idade, parece não haver uma concordância. Por exemplo, utilizando dados da Pesquisa Nacional de Vitimização (Senasp, 2013), Plassa, Bernardelli e Kortt (2023) encontraram que indivíduos mais velhos apresentaram índices menores de MDC, indo na contramão de pesquisas internacionais. Também analisando pesquisas de vitimização em capitais de quatro estados brasileiros (RJ, MT, GO e MG), Valente e Vacchiano (2021) acharam que sexo prediz MDC em todas as regiões, enquanto idade foi significativa apenas em Goiás. Em São Paulo, a variável sexo se apresentou como preditora independente do componente de MDC analisado (Natal; Oliveira, 2021), com mulheres com maior preocupação sobre a possibilidade de se tornarem vítimas do que homens.

Estudando os dados da primeira onda da Pesquisa de Vitimização do DF, Costa e Durante (2019b, p. 262) encontraram que mulheres foram o grupo com maior MDC, enquanto as conclusões sobre a influência da idade foram menos contundentes, apesar de pessoas mais velhas constituírem “os grupos mais vulneráveis” em relação ao crime.

Com base na literatura apresentada, este estudo pretende testar a hipótese de que existem diferenças significativas na percepção do medo do crime de acordo com as características demográficas de sexo e faixa etária, de tal forma que:

- i. Mulheres apresentarão maior medo do crime do que homens;
- ii. Idosos apresentarão maior medo do crime do que jovens.

A Pesquisa Distrital de Vitimização, realizada pela Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP-DF), servirá de base de dados para o estudo. Ela investigou anualmente, entre os anos de 2015 e 2019, diversas variáveis econômicas e ambientais relacionadas ao medo do crime em todo o Distrito Federal (DF). A coleta desses dados foi interrompida após 2019 devido à pandemia do vírus SARS-COV-2 (covid-19) e não foi retomada até a data da produção deste artigo. A coleta de dados foi realizada com um questionário baseado no *International Crime Victims Survey* e administrado a amostras representativas da população residente no Distrito Federal. Os detalhes sobre os instrumentos e procedimentos da pesquisa serão apresentados na seção seguinte.

MÉTODO

LÓCUS DA PESQUISA

Enquanto distrito, o DF possui estrutura administrativa singular, que inclui a inexistência de cidades e municípios. Sua divisão geográfica é feita por meio de Regiões Administrativas (RAs), cujos limites físicos são estabelecidos pelo poder público, que define a jurisdição da ação governamental para fins de descentralização e coordenação dos serviços públicos locais. A depender das necessidades do DF, é discricionário ao governador do DF a criação ou a extinção de RAs.

Dadas as diferenças na sua delimitação territorial e na cobertura populacional, o número de RAs por ano não é igual. De 2015 a 2018, por exemplo, o DF contava com 31 RAs² (das 35 existentes em 2024). Também cabe ao governador a promoção da segurança pública do DF por meio da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP-DF), que dentre outras competências busca a racionalização do emprego dos meios para maior eficácia operacional na redução da criminalidade e violência em todas as RAs. Nesse contexto se localiza a coleta dos dados utilizados no estudo.

PARTICIPANTES

Um total de 28.168 indivíduos residentes nas 31 RAs então estabelecidas responderam à pesquisa, ao longo de três anos de coleta³ (2015, 2016 e 2018). Especificamente, em 2015 foram coletadas 19.659 respostas; em 2016 foram 3.277; e em 2018 foram 5.232. Do total de participantes, 54,3% eram do sexo feminino e seguindo a categorização utilizada na pesquisa, 33,8% desses tinham entre 40 e 59 anos (16 a 24 anos: 16,1%; 25 a 39 anos: 30,8%; e 60 anos ou mais: 19,1%). Dados demográficos detalhados por RA e por ano de coleta são apresentados nos Materiais Suplementares, Tabela S1. Esta e todas as tabelas aqui apresentadas foram elaboradas com base na Pesquisa Distrital de Vitimização SSP-DF.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A pesquisa contou com a aplicação de *survey* em amostras de residentes das RAs maiores de 16 anos. A seleção dos participantes foi feita por: (a) seleção aleatória dos domicílios a serem visitados em cada RA a partir do cadastro de endereços (IPTU); e (b) seleção aleatória do morador a ser entrevistado em cada residência partindo da lista de pessoas residentes daquele domicílio. Os itens do *survey* foram gerados pela SSP-DF em parceria com a Companhia de Planejamento do DF, com base no *International Crime Victims Survey*, uma pesquisa internacional de grande escala sobre crime e vitimização realizada em mais de 80 países em diferentes regiões do mundo (Kesteren; Dijk; Mayhew, 2014). Sua aplicação foi feita por empresas de pesquisa de opinião licitadas para tal a cada ano, teve tempo médio de aplicação (presencial ou por telefone, a depender do ano da coleta) de 45 minutos e margem de erro de 0,7%. Quatrocentos itens foram utilizados originalmente na Pesquisa Distrital, visando medir diferentes construtos individuais (p. ex., dados demográficos e de vitimização criminal), ambientais, de segurança pública, e de MDC e violência. Deste último grupo, seis itens utilizados no presente estudo foram recorrentes no período de 2015 a 2018 e mediram o MDC em termos de percepção de insegurança e de risco de ser vítima de crimes (p. ex., “sente-se seguro em andar nas ruas de onde reside de dia/noite”, “andar nas ruas de outros locais”, “ficar em casa sozinho/acompanhado” etc.). Todos os itens foram respondidos em uma escala de quatro pontos (1 = muito inseguro; 4 = muito seguro), conforme apresentado no exemplo abaixo:

Como o(a) Sr(a) se sente ao andar nas ruas do bairro onde reside durante o dia?

1 – muito inseguro; 2 – inseguro; 3 – seguro; 4 – muito seguro.

2 As Regiões Administrativas pesquisadas à época da coleta de dados eram: Águas Claras, Brazlândia, Candangolândia, Ceilândia, Cruzeiro, Fercal, Gama, Guará, Itapoã, Jardim Botânico, Lago Norte, Lago Sul, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Park Way, Planaltina, Plano Piloto, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Riacho Fundo II, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, SCIA, SAI, Sobradinho, Sobradinho II, Sudoeste/Octogonal, Taguatinga, Varjão, e Vicente Pires.

3 Dados sobre vitimização no DF também foram pesquisados nos anos de 2017 e 2019. Contudo, por diferenças significativas no procedimento e *survey* utilizado, eles não foram incluídos no presente artigo.

O participante deveria responder a cada item utilizando a escala apresentada no exemplo. Também foram utilizados os itens referentes aos dados demográficos do respondente (*i.e.*, sexo, faixa etária).

A esses dados foram agregados, para cada RA e por ano de coleta, os índices de *Crimes Violentos Letais Intencionais* (CVLI), criados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) para agrupar os crimes de maior relevância social. Incluem-se no CVLI: taxa de homicídio doloso, feminicídio, lesão corporal seguida de morte, latrocínio e outros crimes resultantes em morte, excetuando-se morte por intervenção de agente do Estado. Os dados que compõe o CVLI são coletados pelo IML, pela Polícia Científica, pela Polícia Civil e por serviços de inteligência e analisados pela Gerência Geral de Análise Criminal e Estatística da Senasp. Os dados foram obtidos com autorização da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal, conforme Termo de Anuência SEI nº 00050-00033860/2020-03.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Embora coletados nas mesmas RAs nos três períodos, os dados foram tratados como coletas transversais independentes, uma vez que não houve consistência nos participantes da pesquisa ao longo dos anos. Após o tratamento de casos extremos e omissos, o teste da diferença de sexo e idade em relação ao MDC por RA foi feito a partir de Modelos Mistos Lineares Generalizados (GLMM) com o programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS) (IBM, 2023), versão 29.0. Este modelo é uma extensão do Modelo Linear Generalizado (GLM), no qual o preditor linear contém efeitos aleatórios além dos efeitos fixos usuais, que permite gerir e analisar diversos conjuntos de dados, como dados binários, ordinais e outras variáveis não contínuas, adequando-se às bases de dados secundários como no presente estudo (Lima, 2025). Além disso, o GLMM permite a análise de modelos lineares mistos para dados não normais, fornecendo modelos para a análise de dados agrupados, com as diferenças entre os grupos sendo modeladas como um efeito aleatório ou fixo (Zuur *et al.*, 2009).

Considerando que os dados não apresentaram distribuição normal, mas distribuição exponencial gama, com a presença de assimetria positiva leptocúrtica (p. ex., MDCTotal; Fisher's g1assimetria/erro padrão = 20,64; Fisher's g1curtose/erro padrão = 8,25) (Tabachnick; Fidell, 2021), as distribuições de dados foram tratadas como fatores aleatórios. Apesar de algumas variáveis demográficas (p. ex., sexo) poderem ser tratadas como fatores fixos, considera-se que a variável dependente, neste caso a variável critério, não apresenta essa possibilidade – fato que orientou a decisão dos pesquisadores pelo tratamento aleatório, assumindo que nem todos os níveis da variável são representados na amostra de dados (Zuur *et al.*, 2009). A análise gráfica dos padrões de unidade de análise, assim como a *intra-class correlation* (ICC > 5%) também apontam para fatores aleatórios.

Para a análise secundária e exploratória da relação do efeito de crimes violentos (índice CVLI) sobre MDC, foi realizada uma série de regressões hierárquicas analisando o poder preditivo do sexo dos respondentes e controlando os efeitos de faixa etária (Bloco 1) e CVLI (Bloco 2) sobre o MDC. As regressões foram realizadas por RA e por ano de aplicação. Dado o volume resultante de regressões geradas (93 regressões), os resultados são discutidos em termos de ano de coleta apenas.

RESULTADOS

A seguir, apresentam-se os dados descritivos da amostra, as correlações entre as médias das variáveis pesquisadas e os resultados dos testes realizados para testagem das hipóteses, tais como o GLMM e as regressões hierárquicas. A Tabela 1 apresenta as médias, os desvios-padrão e a frequência das variáveis investigadas por ano para o total da amostra. Esses dados são apresentados por RA na Tabela S1.

TABELA 1

Médias e frequências das variáveis por ano de coleta

Ano de Coleta	Variáveis Investigadas			
	Medo do Crime (média/DP)	Sexo %	Idade %	CVLI (número/ano)
2015 (n = 19.659)	M = 2,40 (DP = 0,49)	Feminino: 55,1% Masculino: 44,9%	16 a 24 anos: 16,5% 25 a 39 anos: 29,7% 40 a 59 anos: 33,8% Mais 60 anos: 20,0%	671 Casos (M = 28,02; DP = 29,75)
2016 (n = 3.719)	M = 2,56 (DP = 0,73)	Feminino: 51,9% Masculino: 48,1%	16 a 24 anos: 13,2% 25 a 39 anos: 30,8% 40 a 59 anos: 36,2% Mais 60 anos: 19,8%	635 Casos (M = 26,33; DP = 26,93)
2018 (n = 5.230)	M = 2,35 (DP = 0,78)	Feminino: 52,9% Masculino: 47,1%	16 a 24 anos: 17,7% 25 a 39 anos: 34,8% 40 a 59 anos: 32,5% Mais 60 anos: 15,0%	486 Casos (M = 21,59; DP = 23,02)
Total da Amostra (N = 28.608)	M = 2,41 (DP = 0,59)	Feminino: 54,3% Masculino: 45,7%	16 a 24 anos: 16,1% 25 a 39 anos: 30,8% 40 a 59 anos: 33,8% Mais 60 anos: 19,1%	1.792 Casos (M = 26,55; DP = 28,32)

Fonte: Elaboração própria, 2024.

As médias de MDC foram M = 2,40 (D.P. = 0,49) em 2015; em 2016 M = 2,56 (0,73); e em 2018 M = 2,35 (0,78). Uma Anova apontou diferenças significativas entre as médias ($F = 153,60$ $p < 0,001$), com a análise *post-hoc* de Bonferroni indicando significância de $p < 0,001$ para todos os pares de médias entre os anos.

Para as correlações entre MDC, sexo e faixa etária, calculou-se o Coeficiente Phi ($r\phi$) para sexo e o Rho de Spearman (ρ) para faixa etária (mensurada como variável categórica na pesquisa original). O $r\phi$ é a medida de associação entre variáveis binárias ou entre um par de variáveis binária-contínua, enquanto o ρ mede a relação entre variáveis ordinais ou entre um par de variáveis ordinal-contínua. Ambos avaliam relações não-lineares monótonas e são interpretados de forma similar ao Coeficiente de Pearson (apropriado apenas para relações entre variáveis contínuas). Essas correlações são apresentadas na Tabela 2.

TABELA 2

Correlações entre medo do crime, sexo e faixa etária por ano

Ano de coleta	Medo do Crime	
	Sexo (r_p)	Faixa Etária (p)
2015 (n = 19.659)	0,16**	0,04*
2016 (n = 3.719)	0,18**	0,05*
2018 (n = 5.230)	0,17**	0,03*
Total da amostra (N = 28.608)	0,15**	0,04*

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Embora não tenha sido o objetivo primordial deste estudo, as correlações entre MDC e crimes violentos por ano também foram verificadas utilizando o r de Pearson. Os resultados evidenciam correlações significativas ($p < 0,001$) ao longo dos anos de coleta (2015: $r = 0,21$; 2016: $r = 0,22$; 2018: $r = 0,20$).

Com relação às hipóteses centrais do estudo, esperava-se que mulheres apresentassem maior MDC do que homens, e que o MDC aumentaria com a idade. Os resultados obtidos pelo GLMM são descritos na Tabela 3.

TABELA 3

Resultados GLMM

Variáveis	Estimativa de Efeito	Efeito Aleatório para RA
Intercepto (ano 2015)	2,37147	
Ano 2016 ¹	0,14828	
Ano 2018 ¹	-0,05791	
DP do efeito aleatório para RA		0,1926
DP residual		0,5543
Intercepto (sexo e faixa etária)	2,04203	
Sexo Feminino	0,17124	
Faixa 25-39 anos ²	0,05297	
Faixa 40-59 anos ²	0,08819	
Faixa 60 mais ²	0,09478	
Intercepto (interação sexo x faixa etária)	1,9876	
Interação (25-39 x feminino) ¹²	-0,02497	
Interação (40-59 x feminino) ¹²	-0,02992	
Interação (60mais x feminino) ¹²	-0,0954	

¹: Diferença de 2015²: Diferença de faixa 16-24 anos

DP: Desvio-padrão

Todas as estimativas foram significativas a $p < 0,001$

Nota. Parâmetros e valores de p estimados com GLMM, com distribuição *quasipoisson*, para variação do medo do crime predita por sexo e faixa etária em 2016 e 2018, tendo como base o ano de 2015.

Fonte: Elaboração própria, 2024.

O ano-base de 2015 foi utilizado como intercepto para o teste de diferença entre ano, enquanto para faixa etária a classificação 16-24 anos foi usada como referência. Como na GLMM, os modelos são ajustados pela máxima verossimilhança restrita (REML), que corrige as estimativas de variância do modelo da máxima verossimilhança (ML) (Field, 2017). O REML final observado foi de 46.109,82. Assim, há a indicação de se manter o modelo mais complexo, apresentado acima, que é comparável a modelos ajustados aos mesmos dados, aumentando a confiabilidade dos resultados.

No teste da variação do MDC entre anos de coleta, os resultados indicam que a variável apresenta variações significativas ao longo dos anos, com elevação em 2016 seguida de diminuição em 2018, com diferença significativa a $p < 0,001$. Neste modelo, o intercepto de 2,371472 representa a média de MDC para o ano-base de 2015. As estimativas de efeito por ano indicam que o MDC em 2016 foi 0,14828 maior em comparação a 2015, enquanto em 2018 houve uma variação menos relevante, com redução de 0,05791 na média em relação àquele ano. Além disso, a análise dos efeitos aleatórios revelou um desvio-padrão para o efeito aleatório de Região Administrativa de 0,1926, indicando uma variação moderada no MDC entre as diferentes regiões da cidade. O desvio-padrão residual de 0,5543 indica a variabilidade não-explicada pelo modelo.

Para os testes dos efeitos de sexo e faixa etária, o modelo linear misto revelou um intercepto de 2,04203, que é a média de MDC para o grupo de referência (homens, faixa etária de 16 a 24 anos, no ano de 2015). O efeito para sexo foi de 0,17124, indicando que as mulheres apresentam maior MDC do que os homens. As estimativas de efeito para as faixas etárias sugerem que o MDC aumenta com a idade de tal forma que, em média: participantes de 25 a 39 anos, 40 a 59 anos e com mais de 60 anos têm percepções de MDC 0,05297; 0,08819 e 0,09478 maiores, respectivamente, em comparação à faixa etária de 16 a 24 anos. Apesar dessas diferenças serem significativas em termos de faixa etária, a variação entre elas é muito pequena, sugerindo um efeito pouco relevante dessa variável demográfica.

A inclusão de uma interação entre sexo e faixa etária no modelo linear misto permitiu uma análise mais detalhada sobre como esses fatores se relacionam ao MDC. O GLMM com a inclusão das interações produz um modelo complexo com intercepto de 1,98760 representando a média de MDC para o grupo de referência (homens, na faixa etária de 16 a 24 anos). As estimativas de efeito da interação revelaram que o efeito do sexo sobre o MDC varia com a faixa etária. Na primeira interação, obteve-se um efeito de -0,02497, sugerindo que o aumento no MDC para os homens é 0,02497 menor na faixa etária de 25 a 39 anos em comparação à faixa de 16 a 24 anos. Esse padrão se manteve em outras faixas etárias, com a interação entre: sexo e faixa de 40-59 anos em -0,02992; e sexo e faixa de 60 ou mais anos em -0,09540.

Finalizados os testes de hipóteses do estudo, prosseguiu-se ao teste do efeito de crimes violentos sobre MDC por sexo. Conforme apontado anteriormente, o resultado da GLMM apontou para um pequeno, embora significativo, efeito das faixas etárias sobre MDC. Com o objetivo de controlar o efeito da faixa etária, essa variável foi incluída em regressões hierárquicas no Bloco 1. Já no segundo bloco, verificou-se a relação preditiva entre CVLI e MDC, considerando o sexo do respondente. As regressões por ano de coleta serão apresentadas na Tabela 4.

TABELA 4

Regressões hierárquicas de faixa etária (Bloco 1) e CVLI (Bloco 2) sobre Medo do Crime por sexo do respondente

Grupo	Ano	Bloco	R ²	F	Sig. F	R ² Mudança	F Mudança	Sig. Mudança	β
Feminino	2015	1	0	0,869	0,351				0,01 n.s.
		2	0,041			0,041	447,82	0,001	0,20***
	2016	1	0,002	3,162	0,076				0,04 n.s.
		2	0,049			0,047	83,06	0,001	0,22***
	2018	1	0	0,515	0,473				0,02 n.s.
		2	0,036			0,036	103,67	0,001	0,19***
Masculino	2015	1	0,004	37,73	0,001				0,07*
		2	0,048			0,043	389,02	0,001	0,21***
	2016	1	0,006	8,98	0,003				0,08*
		2	0,053			0,047	74,06	0,001	0,22***
	2018	1	0,001	3,13	0,077				0,04 n.s.
		2	0,052			0,051	132,13	0,001	0,23***

Nota. Critério: Medo do Crime; Bloco 1: Faixa Etária; Bloco: CVLI.

*p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001; n.s.: Não-significativo

Fonte: Elaboração própria, 2024.

De especial interesse é o R² de Mudança (ΔR^2) do Bloco 2, que apresenta a predição de CVLI controlada por faixa etária. Para todos os anos, o ΔR^2 foi significativo e substancial (entre 0,036 e 0,051) para a predição de CVLI sobre MDC, uma vez que o efeito de faixa etária foi controlado, em ambos os sexos. Dos seis casos possíveis, apenas em dois o R² de faixa etária sobre MDC foi significativo, mas não substancial (predições de 4% e 6%) e apenas para homens nos anos de 2015 e 2016. As contribuições individuais de CVLI para a explicação de MDC, quando o efeito de faixa etária foi controlado, variaram de $\beta = 0,23$ a $\beta = 0,19$, sendo apenas que nos dois casos apontados acima a contribuição individual de faixa etária foi significativa, mas baixa ($\beta = 0,07$ e $\beta = 0,08$ respectivamente).

DISCUSSÃO

As análises descritivas indicaram uma variação significativa no medo do crime (MDC) em função das variáveis de interesse deste estudo. Considerando a alteração do fenômeno ao longo dos anos, tomando os índices de 2015 como base, observou-se uma elevação da média de MDC em 2016, seguido por uma redução no ano de 2018, com os índices voltando a se aproximar do nível inicial. Essa flutuação pode ser entendida à luz do conceito de nostalgia social, que Farrall, Gray e Jones (2021) descrevem como um sentimento coletivo de saudade de um passado idealizado, percebido como mais seguro ou estável.

Em contextos de crise política e social, como o vivido no Brasil em 2016, com o processo de *impeachment* da presidente à época, movimentos grevistas de grande escala e crise de abastecimento em diversos setores da sociedade, a nostalgia social pode ter exacerbado a percepção de insegurança. É possível nes-

se contexto que respondentes tenham reinterpretado suas realidades, considerando o período anterior como mais seguro, o que elevaria o medo do crime a um nível atípico, mesmo que os índices reais de criminalidade não tenham registrado um aumento significativo.

Dessa forma, como já descrito em estudos anteriores (Costa; Durante, 2019a), o fenômeno do medo do crime parece não estar necessariamente relacionado a dados objetivos de criminalidade, mas também a uma dinâmica emocional que é moldada pela percepção de perda de segurança, muitas vezes amplificada pela mídia e pelas condições políticas e sociais do momento. Esse pico de MDC parece ter sido seguido de uma regressão natural à média anterior, como frequentemente ocorre em resultados atípicos.

Complementarmente, é interessante notar que em 2016 houve uma queda no número de CVLI no DF, o que se repetiu em 2018. Dados oficiais (Distrito Federal, 2018) associam essas quedas a programas e políticas públicas voltadas para campanhas educacionais e ações de redução da criminalidade focadas não apenas no policiamento, como o estabelecimento de metas para as polícias, mas também no aumento de iluminação, limpeza de áreas abandonadas e outras medidas relacionadas à abordagem da Prevenção Criminal pelo *Design do Ambiente* (*Crime Prevention Through Environmental Design* – CPTED) (Cozens; Love, 2015).

Dada a aparente desvinculação entre MDC e criminalidade, é preciso considerar também os efeitos da mídia no fenômeno estudado. Sobre isso, Caldeira (2003) destaca que a ênfase na disseminação de informações sobre criminalidade, muitas vezes, amplifica a sensação de insegurança social, criando uma percepção de perigo maior do que a realidade sugere.

Essa dinâmica é corroborada por Roman (2023), que observa que, nas áreas urbanas, o medo do crime tende a aumentar não tanto pela criminalidade em si, mas pela maior exposição midiática aos crimes, que são amplamente divulgados pelas notícias. Portanto, a simples redução de índices criminais não é suficiente para alterar o medo coletivo; é fundamental que a informação sobre a queda dos crimes também seja amplamente divulgada, a fim de impactar a forma como esses dados são interpretados pela população. Assim, propõe-se que, seguindo a lógica descrita anteriormente, um maior investimento na publicitação da queda de crimes, paralelamente às campanhas e políticas públicas estabelecidas para tal, poderia ter um impacto no MDC na população.

Observando as demais variáveis investigadas, os resultados do GLMM apresentam uma descrição mais detalhada da relação entre MDC e variáveis demográficas de sexo e idade. As correlações encontradas já apontavam para relações mais fortes e significativas do MDC com sexo em comparação à faixa etária dos respondentes. Modelos confiáveis, com base no REML, confirmam o aumento em 2016 e a diminuição em 2018 do MDC, em relação a 2015, em termos da população geral do DF, e de maneira moderada nas RAs (ver tamanho de efeitos na Tabela 3).

O efeito moderado observado pode estar vinculado à alta variabilidade nas RAs em termos de fatores econômico-sociais. Para fins de comparação interna, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), adequado para avaliar o desenvolvimento dos municípios brasileiros, aponta que, apenas em 2015, o IDHM do DF era de 0,814 (Ipea; PNUD, 2019), o maior em todo o país. Nesta comparação, o IDHM da RA mais desenvolvida no DF foi de 955,00 (“Lago Norte”) em 2015, em contraposição ao IDHM da RA menos favorecida, que foi 82,00 (“São Sebastião”), representando uma desigualdade de 11,65 vezes entre as duas RAs. Essa desigualdade se mantém nos anos de 2016 e 2018, com pequenas variações em magnitude (Codeplan, 2013). Todavia, em termos da amostra geral, a queda no ano de 2018 reflete a pouca

relação entre criminalidade e MDC, conforme observado anteriormente, reforçando a necessidade de campanhas de divulgação dos dados reais de crimes.

Com relação à faixa etária a existência de uma correlação positiva entre idade e MDC tem sido sistematicamente aceita a partir de estudos seminais na área (p. ex., Hale, 1996). Porém, estudos recentes no Brasil encontraram que idade (medida em faixas etárias) não é uma variável eficiente para a explicação de MDC, sendo apenas marginalmente significativa em uma única capital estudada (Valente; Vacchiano, 2021). Outros estudos nacionais também colocam em xeque a associação direta entre idade e MDC. Plassa *et al.* (2023), ao estudarem a Pesquisa Nacional de Vitimização de 2012 (Senasp, 2012), observaram que indivíduos mais velhos (faixa de 45-59 anos) apresentavam resultados mais baixos em variáveis relacionadas ao MDC quando comparados àqueles de 16-24 anos, apresentando uma lógica inversa ao que seria esperado da relação entre essas variáveis.

Apesar de haver uma relação significativa entre os níveis de MDC e a idade dos respondentes, os resultados do presente estudo indicam que o tamanho de efeito encontrado é baixo, o que sugere uma influência irrelevante da idade no medo (ver tamanho de efeito para faixa etária na Tabela 3). A divergência entre os índices de significância e o tamanho de efeito pode ser atribuída ao elevado número de participantes na amostra, que pode agir como variável de confusão da relação entre as variáveis, inflando o nível de significância dos resultados.

Para testar a magnitude do efeito, foi utilizado o d de Cohen para a diferença de MDC nas idades, que revelou um efeito pequeno ($d < 0,2$) (Cohen, 2013). Uma vez que a idade dos participantes foi coletada em faixas etárias, também se observou o teste das proporções populacionais para amostras independentes do teste de Wald z com estimativas de variância (Price; Bonett, 2004). O critério de quase-probabilidade corrigida do modelo de independência (QICC = 9.246,40) apontou o pequeno ajuste para a diferença entre as faixas, indicando um valor de Wald z significativo apenas para o ano de 2015 (Wald = 12,86), reforçando o baixo efeito encontrado para o GLMM. Juntos, esses resultados descrevem a instabilidade da associação entre idade e MDC, ao menos quando a idade é coletada em faixas etárias.

Embora seja razoável antecipar o aumento do MDC por idade, é preciso considerar que esta variável pode ocultar o efeito de outras variáveis importantes, tais como a experiência de exposição a crimes dos participantes e o comportamento de riscos de populações mais jovens. Assim, seria necessário utilizar desenhos metodológicos específicos para testar o efeito de idade sobre o MDC, por meio da coleta da idade como variável intervalar e/ou com abordagem longitudinal, investigando também a exposição direta e indireta dos indivíduos à criminalidade ao longo dos anos. Somente assim seria possível avaliar se a idade é realmente uma variável positivamente relacionada ao MDC.

De todo modo, idade já havia se mostrado um preditor ruim de MDC em diversos estudos ao longo dos anos, conforme verificado na revisão de Hale (1996) dos primeiros 30 anos de produção sobre o tema, em que todos os estudos avaliados apontaram efeitos fracos ou inexistentes dessa variável (p. ex., Ferraro; LaGrange, 1992). Além disso, seja essa relação pequena ou insignificante, ela também parece estar associada a outros fatores, como baixa renda, morar sozinho ou saúde debilitada (p. ex., Kappes; Greve; Hellmers, 2013; Tulloch, 2000). Dito isso, a crença no imaginário popular de que os idosos se isolam do mundo exterior devido ao MDC, vivendo uma vida de confinamento autoimposto, sendo cativos em suas próprias casas, simplesmente parece não ser verdadeira.

Já em relação a sexo, os resultados apontam para o maior MDC entre mulheres quando comparadas a homens. Tais resultados não parecem ser novidade na literatura (Hale, 1996) e confirmam diversos outros estudos no país (p. ex., Borges; Cano, 2021; Natal; Oliveira, 2021) e no exterior (p. ex., Farrall; Gray; Jones, 2021). Mulheres parecem manter um estado de alerta constante (Barrantes-Chaves, 2024) e modificam mais sua rotina em comparação aos homens, restringindo-se de sair no período da noite ou em atender pessoas desconhecidas (Costa; Durante, 2021), o que torna essa variável uma preditora mais consistente de MDC em diferentes contextos, como já sugerido na literatura. De acordo com a pesquisa de Hodgkinson e Lunney (2021), embora a vitimização seja maior entre homens, mulheres relatam maiores níveis de MDC, o que, para os autores, pode estar relacionado à natureza dos crimes praticados contra mulheres, especialmente crimes sexuais.

De fato, os dados levantados para a presente investigação indicam uma taxa significativamente maior de CVLI para homens quando crimes sexuais são controlados ($t = 41,335$; $p < 0,001$; $M = 28,81$; $DP = 29,65$ para homens e $M = 26,55$; $DP = 28,32$ para mulheres); o efeito é contrário quando crimes sexuais são considerados. Maiores níveis de MDC entre mulheres podem refletir o medo pela agressão sexual que é transferido para outras mulheres que não foram vítimas desses crimes, o que foi chamado de “hipótese da sombra da agressão sexual” (Ferraro, 1995).

Tal resultado tem sido sistematicamente encontrado (p. ex., Chataway; Hart, 2019) quando a taxa de vitimização é controlada para crimes sexuais. Contudo, os resultados de Hodgkinson e Lunney (2021) não apontaram para uma diferença significativa de MDC para sexo em áreas urbanas do Canadá. Os autores sugerem uma série de mecanismos sociais presentes em áreas não-metropolitanas, como a existência de uma cultura masculina que impede as mulheres de se manifestarem quanto ao MDC, especialmente em relação a crimes de naturezas sexual e doméstica. Logo, há a indicação de uma investigação aprofundada do MDC em mulheres não só em contextos urbanos e não-urbanos, como também o aprofundamento na explicação de que essa diferença se deva a fatores como aumento da percepção de vulnerabilidade física por parte de mulheres; ao reforçamento da imagem de vulnerabilidade feminina na socialização das crianças; e à sombra da agressão sexual.

Também é interessante notar que os dados analisados aqui indicaram um efeito da interação entre sexo e faixa etária, isto é, mulheres não só relatam sentirem mais MDC, mas também há um aumento no efeito do MDC à medida que elas se tornam mais velhas. Farrall, Gray e Jones (2021) obtiveram um resultado semelhante na Grã-Bretanha, explicando seus resultados como um efeito da nostalgia social, descrita anteriormente, com mulheres mais velhas exibindo uma relação mais forte entre MDC e sentimentos de nostalgia, e sugerindo que a experiência de MDC pode não estar ligada a um evento específico, mas relacionada ao clima social e econômico no qual a pessoa cresceu. Nossos resultados dão certo suporte a essa interpretação.

Finalmente, o estudo também explorou a predição de CVLI sobre o MDC, retirando-se a variância da faixa etária nesta relação. Conforme explicitado anteriormente, a ocorrência de crimes não necessariamente guarda forte relação com o MDC (Costa; Durante, 2019a); contudo, os resultados indicaram que os crimes violentos predisseram entre 3,6% e 5,1% da variância de MDC nos três anos investigados, tanto para homens quanto para mulheres, o que é considerado um nível razoável de predição para ciências sociais (Ozili, 2023) e não deve ser ignorado.

No geral, essa predição é mais fraca para mulheres do que para homens, e guardou uma dimensão desprezível com relação à faixa etária. Esta predição parece reforçar a proposta de Zaluar (2019), que associa o

MDC às experiências cotidianas de violência e crime, como latrocínios e assassinatos. A autora propõe que uma das fontes do MDC efetivamente se relaciona às manifestações fisiológicas do medo (p. ex., tensão muscular) resultantes da experiência direta de ataque violento ou ameaça de morte e que integram a emoção de medo, descrita por Ekman (1992) como uma das seis emoções básicas (junto com raiva, nojo, felicidade, tristeza e surpresa), amplamente aceitas na literatura.

Outra fonte do MDC descrita por Zaluar (2019) complementar ao medo fisiológico resultante da experiência direta é a construção social de MDC, que descreve um medo difuso, não pontual a uma experiência específica, e que tem forte ligação com o “falar sobre crime” de Caldeira (2003) e à divulgação ampla de crimes violentos pela mídia que foi descrita por Roman (2023). Embora o segundo “tipo” de MDC pareça ser o mais estudado (p. ex., Hodgkinson; Lunney, 2021), o que esses resultados apontam é que o MDC como emoção básica não pode ser desprezado quando se busca compreensão abrangente do MDC e sua predição como evidências que subsidiem políticas públicas de segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, a literatura científica dedicada a compreender o medo do crime acumulou evidências de que esse fenômeno pode ser modulado por fatores demográficos e individuais, como diferenças sexuais e etárias, que afetam o processamento de estímulos de forma variada e complexa (Warrier *et al.*, 2018; Schirmer, 2013; Löckenhoff; Costa Jr.; Lane, 2008). O presente estudo teve como objetivo investigar as diferenças na percepção do medo do crime em função de características demográficas, buscando entender como essas variáveis influenciam a experiência desse medo.

Os resultados obtidos oferecem uma visão abrangente sobre os fatores associados ao medo do crime (MDC) na população do Distrito Federal, destacando sua complexa relação com variáveis sociodemográficas, percepção de segurança e criminalidade. A flutuação observada no MDC ao longo dos anos, especialmente o aumento atípico em 2016 e a subsequente regressão à média em 2018, aponta para a influência de fatores complexos, como a nostalgia social e a exposição midiática, sobre o MDC. Esses achados reforçam a ideia de que medo do crime não pode ser explicado apenas por índices objetivos de criminalidade, sendo preciso considerar as dinâmicas emocionais e contextuais.

No que tange às variáveis demográficas, o maior MDC relatado por mulheres, em comparação aos homens, segue as tendências já descritas na literatura, sugerindo uma maior vulnerabilidade percebida e influência da “sombra da agressão sexual”. Por outro lado, a relação entre MDC e idade mostrou-se fraca e instável, apontando para a necessidade de investigações metodológicas mais específicas que considerem variáveis como exposição direta à criminalidade e coleta de dados longitudinais. Os dados também indicaram que, embora os índices de criminalidade, como os CVLI, tenham algum impacto na percepção de medo, estes têm uma relação de predição pequena em relação ao MDC. Tais números reforçam a importância de ações integradas, como políticas públicas focadas na segurança objetiva e na comunicação clara de resultados positivos à população, com vistas a mitigar a sensação de insegurança.

Considerado estes achados, sugere-se que pesquisas futuras adotem abordagens longitudinais e considerem a interação de variáveis sociais, econômicas e emocionais para ampliar a compreensão do fenômeno. Além disso, recomenda-se investigar o papel de intervenções comunitárias e campanhas de conscientização na redução do MDC, especialmente entre grupos mais vulneráveis.

Em síntese, este trabalho evidencia que o MDC é um fenômeno multidimensional, influenciado por fatores objetivos e subjetivos. Compreender suas causas e manifestações requer uma abordagem intersetorial que inclua não apenas a redução da criminalidade, mas também estratégias que promovam a confiança da população e a percepção de segurança em diferentes contextos sociais.

REFERÊNCIAS

- BARRANTES-CHAVES, Karla. More than walls: fear of crime in neighbourhoods with different poverty levels bordering gated communities. The Greater Metropolitan Area of Costa Rica. **Cities**, v. 154, n. 1, art. 105331, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cities.2024.105331>.
- BORGES, Doriam; CANO, Ignácio. Determinants of fear of crime in Brazil: the effect of social cohesion. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 455-466, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.35603>.
- BRUNTON-SMITH, Ian; STURGIS, Patrick. Do neighborhoods generate fear of crime? An empirical test using the British Crime Survey. **Criminology: An Interdisciplinary Journal**, v. 49, n. 2, p. 331-369, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2011.00228.x>.
- BUCK, Ross. Nonverbal behavior and the theory of emotion: the facial feedback hypothesis. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 38, n. 5, p. 811-824, 1980. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.38.5.811>.
- CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2003.
- CHATAWAY, Michael; HART, Timothy. A social-psychological process of “fear of crime” for men and women: revisiting gender differences from a new perspective. **Victims and Offenders**, v. 14, n. 2, p. 143-164, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/15564886.2018.1552221>.
- CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Evolução do IDH no DF e Municípios da área Metropolitana de Brasília comparativamente às demais unidades da Federação e Municípios do Brasil**. Codeplan, 2013. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Evolu%C3%A7%C3%A3o-do-IDH-do-DF-e-dos-Munic%C3%ADpios-da-AMB-Comparativamente-%C3%A0s-dema%C3%ADs-Unidades.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- COHEN, Jacob. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. New York: Academic Press, 2013.
- COSTA, Arthur Trindade Maranhão; DURANTE, Marcelo Ottoni. A polícia e o medo do crime no Distrito Federal. **Dados**, v. 62, n. 1, art. e20180032 2019a. DOI: <https://doi.org/10.1590/001152582019172>.
- COSTA, Arthur Trindade Maranhão; DURANTE, Marcelo Ottoni. Medo do crime e vitimização no Distrito Federal: Analisando as vulnerabilidades de sexo, idade, raça e renda. **Dilemas Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 239-265, 2019b.
- COSTA, Arthur Trindade Maranhão; DURANTE, Marcelo Ottoni. Medo do crime, desordens e coesão social no Distrito Federal. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 613-637, 2021.
- COZENS, Paul; LOVE, Terence. A review and current status of Crime Prevention through Environmental Design (CPTED). **Journal of Planning Literature**, v. 30, n. 4, p. 393-412, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0885412215595440>.

DANTAS, George Felipe de Lima; PERSINJ, Annik de; SILVA, Álvaro Pereira da. O Medo do Crime. **O Alferes**: Revista da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 22, n. 62, p. 1-138, 2007.

EKMAN, Paul. An argument for basic emotions. **Cognition and Emotion**, v. 6, n. 3/4, p. 169-200, 1992.

FARRALL, Stephen; GRAY, Emily; JONES, Phil Mike. Worrying times: the fear of crime and nostalgia. **Current Issues in Criminal Justice**, v. 33, n. 3, p. 340-358, 2021.

FERRARO, Kenneth. **Fear of crime**: interpreting victimization risk. Albany: State University of New York Press, 1995.

FERRARO, Kenneth; LAGRANGE, Randy. Are older people most afraid of crime? Reconsidering age differences in fear of victimization. **Journal of Gerontology**, v. 47, n. 5, p. 233-244, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronj/47.5.S233>.

FIELD, Andy. **Discovering statistics using IBM SPSS Statistics**. 5. ed. New York: Sage, 2017.

GAROFALO, James. **Public opinion about crime**: the attitudes of victims and non-victims in selected cities. Washington DC: U.S. Department of Justice, 1977.

GAROFALO, James. The fear of crime: causes and consequences. **The Journal of Criminal Law and Criminology**, v. 72, n. 2, p. 839-857, 1981.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Quantidade de homicídios cai em 2018. Brasília, 15 jun. 2018**. Atualizado em 29 out. 2018. Disponível em: <https://www.df.gov.br/quantidade-de-homicidios-cai-em-2018/>. Acesso em: 30 out. 2024.

HALE, Chris. Fear of crime: a review of the literature. **International Review of Victimology**, v. 4, n. 2, p. 79-150, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1177/026975809600400201>.

HENRICH, Joseph; HEINE, Steven; NORENZAYAN, Ara. The weirdest people in the world?. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 33, n. 1, p. 61-135, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/s0140525x0999152x>.

HODGKINSON, Tarah; LUNNEY, Kate. Across the wide prairie: exploring fear of crime in a small Canadian municipality. **Journal of Criminology**, v. 54, n. 2, p. 109-125, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0004865821999082>.

IBM – International Business Machines. **IBM SPSS Statistics for Windows, Version 29.0.2.0**. Armonk, NY: IBM Corp., 2023.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; FJP – Fundação João Pinheiro. **Radar IDMH**: evolução do IDHM e de seus índices componentes no período de 2012 a 2017. Brasília: Ipea; Pnud; FJP, 2019.

JACKSON, Jonathan. Experience and expression: social and cultural significance in the fear of crime. **The British Journal of Criminology**, v. 44, n. 6, p. 946-966, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1093/bjc/azh048>.

JACKSON, Jonathan; GOUSETI, Ioanna. Fear of Crime and the Psychology of Risk. In: BRUINSMA, Gerben; WESIBURD, David (Eds.). **Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice**. New York: Springer, 2014, p. 1594-1603.

KAPPES, Cathleen; GREVE, Werner; HELLMERS, Sabine. Fear of crime in old age: precautionary behaviour and its relation to situational fear. **European Journal of Ageing**, v. 10, p. 111-125, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10433-012-0255-3>.

KESTEREN, John Van; DIJK, Jan Van; MAYHEW, Pat. The international crime victims surveys: a retrospective. **International Review of Victimology**, v. 20, n. 1, p. 49-69, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0269758013511742>.

LAGRANGE, Randy; FERRARO, Kenneth. Assessing age and gender differences in perceived risk and fear of crime. **Criminology**, v. 27, n. 4, p. 697-719, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1989.tb01051.x>.

LAGRANGE, Randy; FERRARO, Kenneth; SUPANCIC, Michael. Perceived risk and fear of crime: role of social and physical incivilities. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 29, n. 3, p. 311-334, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022427892029003004>.

LANE, Jodi; RADER, Nicole; HENSON, Billy; FISHER, Bonnie; MAY, David. **Fear of crime in the United States: causes, consequences and contradictions**. Durham: Carolina Academic Press, 2014.

LEE, Murray. **Inventing fear of crime: criminology and the politics of anxiety**. New York: Willan Publishing, 2007.

LIMA, Marcos. Diferenças entre modelos lineares e modelos lineares generalizados (GLMs). **Psicometria Online**, Blog, 27 jun. 2025. Disponível em: <https://www.blog.psicometriaonline.com.br/diferencas-entre-modelos-lineares-e-modelos-lineares-generalizados-glms/>. Acesso em: 19 ago. 2026.

LÖCKENHOFF, Corinna; COSTA JR., Paul; LANE, Richard. Age differences in descriptions of emotional experiences in oneself and others. **The Journal of Gerontology: Series B**, v. 63, n. 2, p. 92-99, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/63.2.P92>.

NATAL, Ariadne; OLIVEIRA, André Rodrigues de. Medo do crime: mensurando o fenômeno e explorando seus preditores na cidade de São Paulo. **Opinião Pública**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 757-796, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912021273757>.

OZILI, Peterson. The acceptable R-Square in empirical modelling for social science research. In: SALIYA, Candauda Arachchige (Ed.). **Social Research Methodology and Publishing Results: A Guide to Non-Native English Speakers**. Hershey: IGI Global, 2023, p. 134-143.

PLASSA, Wander; BERNARDELLI, Luan; KORTT, Michael. Victimization and fear of crime in Brazil: the effect on the desire to move. **Journal of Criminology**, v. 56, n. 2-3, p. 194-212, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/26338076231168403>.

PRESIDENT'S COMMISSION. **The challenge of crime in a free society: a report of the President's Commission on Law Enforcement and Administration of Justice**. Washington DC: United States Government Printing Office, 1967.

PRICE, Robert; BONETT, Douglas. An improved confidence interval for the difference of two binomial proportions. **Computational Statistics & Data Analysis**, Amsterdam, v. 45, n. 3, p. 449-456, 2004. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0167-9473\(03\)00007-0](https://doi.org/10.1016/S0167-9473(03)00007-0).

PRIETO-CURIEL, Rafael; CRESCI, Stefano; MUNTEAN, Cristina Ioana; BISHOP, Steven Richard. Crime and its fear in social media. **Palgrave Communications**, v. 6, n. 1, art. 57, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41599-020-0430-7>.

RADER, Nicole; COSSMAN, Jeralynn; PORTER, Jeremy. Fear of crime and vulnerability: using a national sample of Americans to examine two competing paradigms. **Journal of Criminal Justice**, v. 40, n. 2, p. 134-141, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2012.02.003>.

ROMAN, John. Why Fear of Crime is Increasing. **External Processing**, 15 ago. 2023. Disponível em: <https://johnkroman.substack.com/p/why-fear-of-crime-is-increasing>. Acesso em: 25 out. 2024.

SCHIRMER, Annett. Sex Differences in Emotion. In: ARMONY, Jorge; VUILLEUMIER, Patrik (Eds.). **The Cambridge Handbook of Human Affective Neuroscience**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 591-610.

SENASP – Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Pesquisa Nacional de Vitimização**. Senasp, Datafolha, 2013. Disponível em: http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2014/04/MJ_Senasp_PesquisaNacionalVitimizacao_maio2013.pdf. Acesso em: 20 ago. 2026.

SKOGAN, Wesley. Communities, crime, and neighborhood organization. **Crime & Delinquency**, v. 35, n. 3, p. 437-457, 1989.

SKOGAN, Wesley. **Disorder and decline**: crime and the spiral of decay in american cities. New York: The Free Press, 1990.

TABACHNICK, Barbara; FIDELL, Linda. **Using multivariate statistics**. 7. ed. New York: Pearson, 2021.

TULLOCH, M. The Meaning of age differences in the fear of crime. **British Journal of Criminology**, v. 40, n. 3, p. 451-467, 2000.

VALENTE, Riccardo; VACCHIANO, Mattia. Determinants of the fear of crime in Argentina and Brazil: a cross-country comparison of non-criminal and environmental factors affecting feelings of insecurity. **Social Indicators Research**, v. 154, p. 1077-1096, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11205-020-02545-y>.

WARR, Mark. Fear of crime in the United States: avenues for research and policy. **Criminal Justice**, v. 4, n. 4, p. 451-489, 2000.

WARRIER, Varun; GRASBY, Katrina; UZEFOVSKY, Florina; TORO, Roberto; SMITH, Paula; CHAKRABARTI, Bhismadev; KHADAKE, Jyoti; MAWBEY-ADAMSON, E.; LITTELMAN, N.; HOTTENGA, Jouke-Jan; LUBKE, Gitta; BOOMSMA, Dorret; MARTIN, N. G.; HATEMI, Peter; MEDLAND, Sarah Elizabeth; HINDS, David; BOURGERON, Thomas; BARON-COHEN, Simon. Genome-wide meta-analysis of cognitive empathy: Heritability, and correlates with sex, neuropsychiatric conditions and cognition. **Molecular Psychiatry**, v. 23, n. 6, p. 1402-1409, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1038/mp.2017.122>.

ZALUAR, Alba. Os medos na política de segurança pública. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 5-22, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0002>.

ZUUR, Alain; IENO, Elena; WALKER, Neil; SAVELIEV, Anatoly; SMITH, Graham. **Mixed effects models and extensions in ecology**. Newburg: Springer, 2009.